

Significados associados à fidelidade e infidelidade nas relações amorosas

Maria Guilhermina Castro (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto)

Gabrielle Poeschl (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto)

Joaquim Luís Coimbra (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto)

mcastro@porto.ucp.pt

Palavras-Chave:

Fidelidade, infidelidade, amor

Resumo/Abstract:

Na investigação científica, assiste-se a uma negligência no estudo da fidelidade nas relações amorosas e a uma ausência de consenso entre os autores quanto à definição de infidelidade; poucos procuram saber as concepções das pessoas sobre o assunto. O principal objectivo deste estudo é compreender significados associados à fidelidade e infidelidade. Para tal, foi construído um instrumento com questões abertas e fechadas, o qual foi administrado a 231 pessoas, tendo-se procedido a uma análise automática de dados textuais, cujos resultados se apresentam e discutem.

Introdução

Se, na investigação em Psicologia, a infidelidade tem sido associada, de modo sistemático e quase exclusivo, ao domínio das relações amorosas, curiosamente o mesmo não sucede com a fidelidade, que se tem pautado pela ausência. A fidelidade é abordada pela ciência em áreas como a da territorialidade nos animais ou a fidelidade religiosa, e pela Filosofia na sua dimensão ética (embora também de forma esparsa). Esta diferente acentuação tónica, na versão negativa do fenómeno, parece indiciar já as preocupações que têm dominado a literatura psicológica nesta área, nomeadamente uma atitude moral tendencialmente negativa face à infidelidade, e a dominância de um discurso que enfatiza, como suas consequências, a vivência de experiências emocionais traumáticas (*e.g.*, Brown, 2001; Lusteran, 1998), a violência conjugal e o homicídio associados ao ciúme (*e.g.*, Cano

& O'Leary, 1997) e o divórcio (e.g., Shackelford & Buss, 1997). Não se questiona, portanto, a legitimidade da infidelidade como problema/necessidade de intervenção psicológica (e.g., Gordon & Baucom, 1999). As atitudes negativas patentes em grande parte das publicações vão ao encontro do sentir do senso comum, uma vez que a investigação revela consistentemente que a maior parte das pessoas têm atitudes negativas face à infidelidade (e.g., Feldman, & Cauffman, 1999; Sheppard, Nelson, & Andreoli-Mathie, 1995).

A investigação sobre infidelidade tem sido minada pela disparidade na **definição** e respectiva **operacionalização** do conceito. Não apenas os autores usam indiferenciadamente vários conceitos como se fossem equivalentes, como definem o mesmo termo de formas diversas, e ainda o operacionalizam de modos distintos, sem preocupação de coerência entre estes níveis. Termos como *affair* (e.g., Brown, 2001), sexo extraconjugal (e.g., Sprecher, Regan, & McKinney, 1998), envolvimento extra relacional (e.g., Boekout, Hendrick e Hendrick, 1999), *cheating* (e.g., Afifi, Falato e Weiner, 2001), entre outros (e.g. Drigotas, Safstrong e Gentilia 1999), são usados como sinónimos de infidelidade, com a consequente confusão conceptual e metodológica, o que traz como consequência que os resultados são dificilmente comparáveis. Esta questão já tem sido apontada por alguns autores (Thompson, 1983, Wiederman e Hurd, 1999, Blow e Hartnett, 2005).

Se tentarmos sistematizar esta miríade lexical, vemos que a maior parte dos termos utilizados se reportam à falta de **exclusividade** de certos comportamentos (de diversos tipos: sexual, passional, contacto físico de diversa ordem, o genérico “envolvimento”, ou ainda outros, como ir ao cinema, etc.), que, portanto, não existem apenas no interior da relação. Ora, o entendimento do que se pretende que seja exclusivo da relação amorosa pode ser variável (como o mostra a variabilidade dos entendimentos dos cientistas...). Além disso, a fidelidade pode, ou não, dizer respeito à exclusividade. A infidelidade poderá envolver outras dimensões, como por exemplo, a revelação de confidências a terceiros, a difamação do parceiro, a aliança (ou amizade) com um inimigo do parceiro. O que será a fidelidade para um muçulmano? Ou para casais que praticam *swinging*? Ou para um indivíduo que se assume como poliamoroso?

Como se pode constatar, o problema da validade do constructo “infidelidade” está intimamente relacionado com os múltiplos significados que a palavra pode ter. Infidelidade pode ser mais e menos do que o que se tem chamado. Assim como os autores têm concepções diferentes sobre o fenómeno, o mesmo, provavelmente, acontece com a generalidade das

peessoas. Que relações têm estas diversas concepções de infidelidade dos cientistas com a forma como as pessoas em geral a entendem?

Poucos são os estudos empíricos que se debruçaram sobre as ideias das próprias pessoas sobre infidelidade nas relações amorosas. Nos Estados Unidos da América, Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988) perguntaram a 247 estudantes universitários *"What behaviors do you think constitute being 'unfaithfull' to a dating partner provided the couple is in a serious dating relationship (in other words, they have assumed that they are to date only each other)?"* (Roscoe *et al.*, 1988, pp. 37). A maioria de respostas enquadrava-se em situações de ausência de exclusividade (de diversos tipos), 17,1% referiram *guardar segredos do parceiro* e 3,3% referiram *trair a confiança do parceiro*.

Em Portugal, Santos (1996) fez um estudo sociológico sobre representações sobre infidelidade conjugal, comparando-as em função do género e classe social de 200 participantes, através de uma metodologia de associação livre de palavras. Face a este estímulo mais aberto, as respostas foram diversificadas. Posteriormente submetidos a uma análise factorial de correspondências, os dados organizaram-se numa polarização que a autora designou de causas-consequências e uma outra designada indivíduo-casal/família. Enquanto que os homens salientam as consequências para a família, ao mesmo tempo que dão importância à dimensão erótica, as mulheres referem sobretudo as consequências afectivas negativas da infidelidade. Relativamente à classe social, os operários salientam as consequências negativas para a família (desamor, ciúme, discussões, ódio, divórcio, filhos), enquanto que a pequena burguesia intelectual, salienta o hedonismo e individualismo, tanto visível nos sentimentos negativos (insatisfação, insegurança, infelicidade, mentiras, traição), como na procura de prazer (aventura, sexo). O estudo de Santos (1996) torna, assim, visível a diversidade de conteúdos que se podem associar à infidelidade, quando o instrumento e a análise efectuada têm um carácter eminentemente aberto e emergente dos dados.

Em suma, existe, na investigação científica, uma negligência do estudo da fidelidade nas relações amorosas e um problema de validade de constructo relativo à infidelidade, que se manifesta ao nível da conceptualização teórica e, consequentemente, da sua operacionalização empírica. Considera-se que compreender os entendimentos que as pessoas têm sobre fidelidade e infidelidade nas relações amorosas poderá fornecer pistas para a sua reconceptualização, ao nível do discurso da Psicologia. O objectivo deste estudo é compreender o significado que as pessoas atribuem a fidelidade e infidelidade nas relações amorosas.

Metodologia

Para responder a este objectivo, construiu-se um instrumento com questões abertas sobre fidelidade e infidelidade. Através de uma análise de conteúdo, os dados foram agrupados em categorias de significados associados a fidelidade e infidelidade. De seguida, efectuou-se uma análise de dados com o programa de dados textuais Alceste, que permite extrair as estruturas significativas de um *corpus*.

Instrumento

Foi construído um questionário escrito com questões abertas e fechadas. Os sujeitos foram inquiridos sobre “Que palavras e expressões lhe surgem espontaneamente quando pensa em fidelidade nas suas relações amorosas (actualmente e no passado)?”, e o mesmo relativamente à infidelidade (questões designadas de F1 e I1, respectivamente).

O instrumento, incluiu ainda questões que incidiam sobre (a) dados gerais do sujeito como a idade, a profissão/ocupação e a definição espiritual, (b) dados sobre o relacionamento amoroso, como o relato de fidelidade e infidelidade ao longo da vida, o estado relacional actual (casado/a, com namorado/a, solteiro/a, etc.), o número de relações actuais e número de relações ao longo da vida; e (c) nível com que o sujeito considera ter-se exprimido nas questões abertas, avaliado numa escala de Likert de 5 pontos.

Procedimento

Foi previamente realizado um estudo piloto com um número reduzido de participantes, do qual decorreram algumas alterações a uma versão inicial do instrumento. O instrumento, na sua versão definitiva, foi administrado para preenchimento individual e anónimo, no local de trabalho (ou estudo) dos participantes, em pequenos grupos, alternadamente, por um psicólogo ou uma psicóloga.

Participantes

Instituições, de diversos tipos, maioritariamente educativas (81,9%), na região Norte de Portugal foram contactadas, obtendo-se respostas de 231 pessoas. No entanto 3 inquiridos foram excluídos da análise por não terem nenhuma experiência de relações amorosas, 16 por responderem com discurso frásico (e não palavras/expressões) e 1 por se colocar em questão a seriedade das respostas dadas, perfazendo um total de 211 participantes. Dos inquiridos, 60,7% são mulheres. A idade dos participantes variou entre 18 e 62 anos, sendo a média 31,5

anos e a mediana 26 anos. Quanto à ocupação, predominam os estudantes (33,7%), seguidos de professores (20,4%).

Análise dos dados

As respostas dos participantes foram transformadas em palavras-chave, a partir de categorias previamente encontradas por análise de conteúdo. Na análise de conteúdo efectuada, foi possível fazer discriminações semânticas mais finas, conforme o contexto (por exemplo “incompreensão” e “incompreensível”, poderão encontrar-se, respectivamente, nas categorias “ausência de compreensão” e “valores negativos”), e ao mesmo tempo foi possível manter uma visão global da coerência dos agrupamentos que foram feitos. Neste processo de transformação, procurou-se que os conteúdos fossem, o máximo possível, representados por palavras-chave, tendo-se eliminado as palavras ferramenta (artigos, preposições...).

Os dados foram analisados pelo programa Alceste (versão 4.5), que quantifica o *corpus* de texto e efectua uma classificação hierárquica descendente, baseada na distância do qui-quadrado.

Apresentação e discussão de resultados

O *corpus* foi subdividido em 402 unidades de contexto elementares (UCE), de 5 palavras em média. Estas unidades elementares foram definidas pelo programa e correspondem às 402 unidades de contexto iniciais (UCI). Dentro das 402 UCE, 361 foram classificadas, o que representa 89,8% do material recolhido. Dentro das 2309 palavras que compõem o *corpus*, 326 são formas lexicais distintas, dentro das quais 175 aparecem apenas uma vez. A frequência das formas varia entre 1 e 288, sendo a frequência média de 6. As formas distintas dividem-se em 93 palavras-reduzidas e 1 palavra-ferramenta² (que correspondem às respostas dos inquiridos às perguntas de associação livre) e 280 palavras-estreladas (correspondentes às informações sobre as UCE). A análise de classificação hierárquica levou a uma partição das formas reduzidas em cinco classes:

² O programa assumiu como palavra ferramenta a palavra *próprio*.

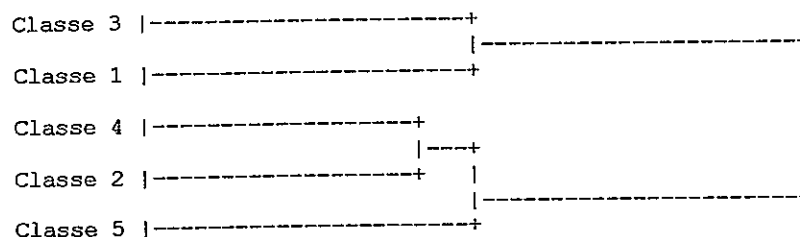


Figura 1. Dendrograma

No conjunto, a análise das classes revela, por um lado, que o *corpus* global aborda, com uma importância semelhante, a fidelidade e a infidelidade, apesar do maior número de classes obtida com as associações com a fidelidade.

Especificação das classes

Classe	Variância explicada	Palavras associadas	X2
3. Mal-estar/ódio	13.57% 49 uce	<u>Ódio</u>	<u>192.57</u>
		Dor	86.30
		Tristeza	84.56
		Desilusão	64.53
		* quest_I1	54.54
		Infidelidade	54.54
		Injustiça	32.28
		Angústia	25.75
		Ciúme	25.31
1. Infidelidade: mentir, trair, desrespeitar	37.12% 134 uce	<u>*quest_I1</u>	<u>204.99</u>
		<u>Infidelidade</u>	<u>198.80</u>
		Mentir	90.16
		Traição	82.87
		Desrespeito	82.66
		Não_amor	24.83
		Desconfiança	22.94
		Falta_personalidade	21.75
		Desunião	20.80
		Lealdade	96.13
4. Compromisso e partilha	9.70% 35 uce	Compromisso	78.92
		Partilha	75.75
		Satisfação	46.02
		* quest_F1	40.29
		Fidelidade	39.85
		Companheirismo	34.04

		<u>*quest F1</u>	<u>178.50</u>
2. Fidelidade:	32.96%	<u>Fidelidade</u>	<u>176.50</u>
amar,	119 uce	<u>Amor</u>	<u>129.26</u>
respeitar,		Respeito	94.96
ser honesto,		Honestidade	80.44
confiar		Confiança	79.48
		Amizade	50.47
		Compreensão	44.65
		<u>Calma</u>	<u>250.50</u>
5. Bem-estar/calma	6.65%	Bem-estar	98.48
	24 uce	Harmonia	71.19
		Felicidade	54.65
		Segurança	30.45
		*quest F1	26.73
		Fidelidade	26.43

Quadro 1. Composição das classes, seleccionando-se as palavras com X2 igual ou superior a 20.00.

As classes 1 e 2 têm em comum o facto de explicarem níveis aproximados (e elevados) de variância e de se associarem fortemente às perguntas F1 e I1, que coincidem aproximadamente com os extremos do eixo fidelidade-infidelidade. Assim, poder-se-ia dizer que a classe 1 parece agrupar aquilo que para as pessoas representa predominantemente a infidelidade – mentira, traição e desrespeito – e a classe 2 a fidelidade – amor, respeito, honestidade, confiança. É de salientar que algumas destas dimensões são opostas das outras: mentira-honestidade, respeito-desrespeito, amor-não-amor e confiança-desconfiança. Poder-se-á dizer que estas palavras se encontram polarizadas, apesar de algumas terem mais peso na sua formulação pela positiva (amor e confiança).

Pelo contrário, a ausência de traição não aparece associada a nenhuma classe, portanto não existe a polarização deste conceito. Uma hipótese possível é que os participantes entendam traição, a palavra mais referida pelos inquiridos a respeito da infidelidade, como seu sinónimo; no entanto, fidelidade talvez já seja considerada como algo que vai para além da ausência de traição.

A classe 3 parece reflectir sentimentos de dor, provavelmente estando agora o participante a colocar-se na posição de alguém que soube da infidelidade do parceiro, sendo o ódio (isto é a agressividade voltada para o exterior), a reacção dominante. A este respeito há que salientar que os estudos científicos (e.g. Boeckout, Hendrick e Hendrick 1999) têm referido diferenças nas reacções emocionais de homens e mulheres, que não foram

encontradas neste estudo. De acordo com a literatura psicológica, o ódio e a externalização da agressividade seriam mais característicos das reacções masculinas à descoberta de uma infidelidade. A tristeza, a depressão e a auto-desvalorização (*baixo valor próprio* e *rebaixamento* aparecem na classe, com $X^2 = 3.07$ e $X^2 = 9.25$, respectivamente) seriam mais frequentes nas mulheres. Pode colocar-se a hipótese de que, visto que se trata de uma associação livre de ideias, a reacção mais imediata será, de facto, o ódio, sendo que a depressão se reportará já a mecanismos de defesa (neste caso uma volta do afecto agressivo contra si próprio), o que requer já uma maior elaboração e, portanto, um processamento mental mais demorado.

Na classe 4, encontramos uma dimensão que parece ter um pendor mais relacional, nomeadamente dizendo respeito ao acordo (explícito ou implícito) que é estabelecido, à partilha e companheirismo e ao sentimento de satisfação inerente a esta troca relacional.

A classe 5 associa o bem-estar e a felicidade à segurança, traduzidos na sensação de calma. O facto de se relacionar mais fracamente com o pólo da fidelidade poderá indiciar que há menos consenso com a associação destas sensações com a fidelidade. Se a classe 4 era mais relacional, esta parece mais sensorial, individual e íntima, quase remetendo para um paraíso perdido de felicidade e segurança.

projecção no plano

Na Figura 2, a análise factorial de correspondências projecta as principais palavras mencionadas sobre dois eixos. O eixo horizontal, com valor próprio de .88, explica 55.29% da inércia (variância) e o eixo vertical, com valor próprio de .27, 16.74% da inércia.

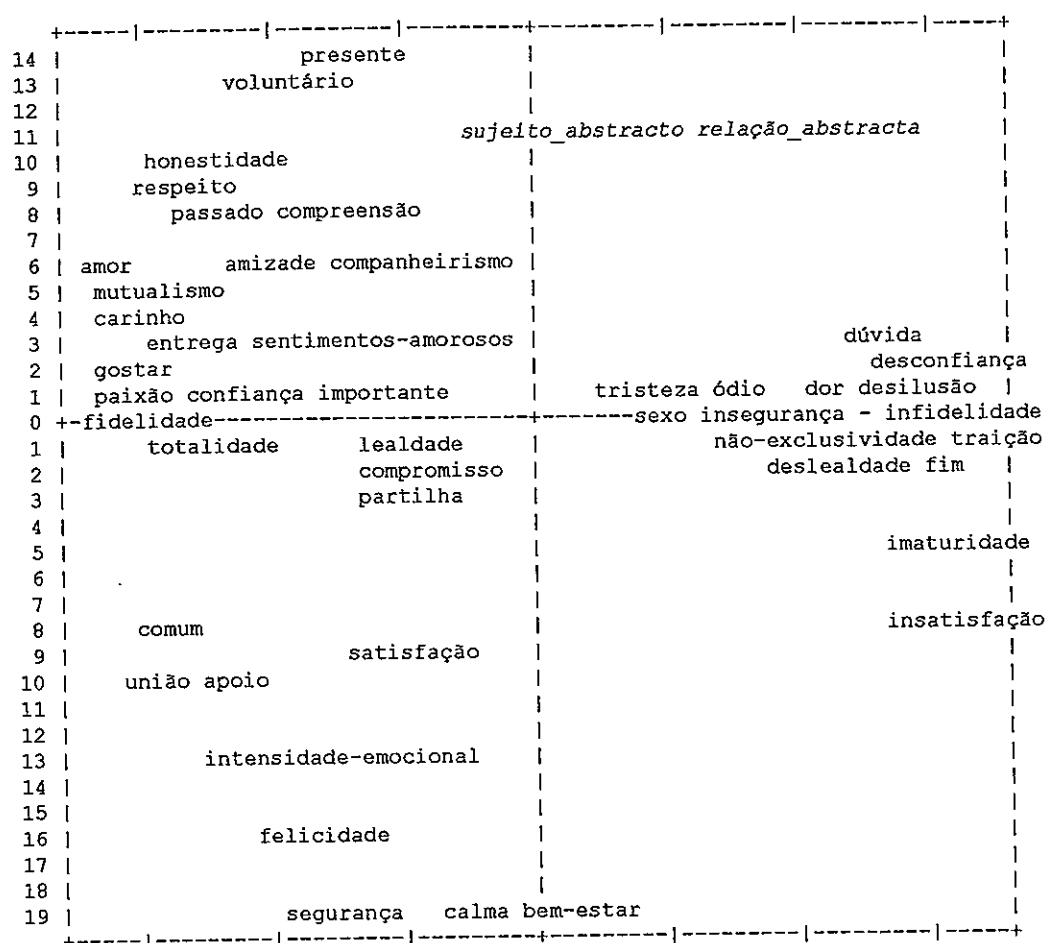


Figura 2. Projecção das palavras num plano com dois eixos.

Os dados evidenciam, em primeiro lugar, uma clara distinção entre fidelidade e infidelidade, representada no eixo horizontal da projecção no plano (Fig. 2). Contudo, se os significados associados à infidelidade se encontram bastante condensados, observa-se, pelo contrário, no eixo vertical, uma oposição entre um discurso relativamente abstracto e racional sobre a fidelidade e um outro mais emocional. Nos valores positivos, com efeito, encontram-se as categorias *Sujeito-abstracto* e *Relação-abstracta*³, que se referem ao discurso exterior dos sujeitos sobre indivíduos e relações em geral. Nos valores negativos encontram-se as palavras que formam a Classe 5 que, como já foi referido, é a classe mais fracamente associada à fidelidade. Por outras palavras, a uma vertente relativamente racional e pública do discurso sobre a fidelidade opõe-se uma vertente mais sensorial e individual – embora também menos consensual – que associa à fidelidade sensações de bem-estar e de felicidade.

³ Estas palavras aparecem na Figura 2, em itálico, porque não se encontram associadas a nenhuma classe.

Relação com outros estudos

Comparativamente com a investigação em geral, observa-se que a dimensão da exclusividade aparece pouco referida (apenas 9 participantes falam de conteúdos que se podem classificar como exclusividade ou sua ausência), surgindo apenas num tipo de discurso (classe 1), mas com X^2 relativamente baixo ($X^2 = 12.09$). Relembre-se aqui que, além da já referida falta de clareza conceptual que predomina na produção científica (nomeadamente fazendo equivaler infidelidade e ausência de exclusividade), as pessoas tem sido pouco consultadas, no que respeita o seu entendimento de infidelidade. Roscoe e colaboradores (1988) fizeram-no, e, comparando os seus resultados com os que aqui se apresentam, verifica-se uma discrepância, na medida em que aqueles autores encontraram uma predominância da exclusividade nas respostas. Tal poderá dever-se a diferenças socioculturais e generacionais, mas também a diferenças na formulação da pergunta, visto que nela os autores salientavam, precisamente, a componente comportamental e a exclusividade da relação romântica. Ainda assim, tal como já foi referido, surgiu naquele estudo também a ideia do *trair a confiança* e do *guardar segredos*, embora com muito menor frequência, que parecem encontrar um paralelo nas categorias *traição* e *desonestidade* (inclui mentira e omissão) do presente estudo.

Pelo contrário, os resultados assemelham-se mais aos encontrados no contexto português, em 1996, por Santos, que usa uma metodologia aproximada da deste estudo, quer ao nível da formulação aberta da questão quer da análise efectuada. A autora encontrou como palavras mais frequentemente referidas (por ordem decrescente): *traição*, *divórcio*, *separação*, *mentiras*, *desamor*, *incompreensão*, *desrespeito*, *ódio*, *sexo*, *desconfiança*, *insegurança*, *problemas*, *infelicidade*, *aventura*, *insatisfação*, etc.. A principal diferença a salientar diz respeito às palavras *divórcio* e *separação*, que podem ser encontradas no presente estudo sob a forma das categorias designadas *ruptura*, *distanciamento*, *perda* e *fim*. Estes conteúdos aparecem, de facto, nas classes associadas à infidelidade, mas a frequência com que foram referidas e o seu peso nas classes foram baixos. Tal poderá dever-se a características diferenciais dos inquiridos do estudo de Santos (1996), nomeadamente no que toca a localização geográfica (Covilhã), a faixa etária (mais elevada), a ocupação (sobretudo trabalhadores) e o estado relacional (predominantemente com experiência de situação conjugal). Assim, quer pelas características do contexto (interior do país) quer dos próprios indivíduos, é possível que, no seu estudo, os valores mais tradicionais e de manutenção da estrutura conjugal e familiar sejam mais salientes.

Conclusões

Este estudo salienta dimensões que, em geral, têm sido minoradas na produção científica sobre fidelidade e infidelidade nas relações amorosas, particularmente na investigação empírica, que tem valorizado a exclusividade. A exclusividade e a sua ausência só parecem fazer sentido quando enquadradas no contexto destes significados, tais como o pacto relacional (classe 4) e a honestidade-mentira. Por exemplo, se se está a falar de um indivíduo poligâmico, a exclusividade sexual não está contemplada no acordo relacional e a sua ausência não será considerada infidelidade, pelo que provavelmente não existirá mentira a este respeito. Os resultados indiciam que o que é relevante, enquanto infidelidade, é a quebra do compromisso e a mentira, e não tanto a exclusividade em si.

Por que motivos a exclusividade é enfatizada no acordo das relações amorosas? As outras dimensões apontam-nos algumas ideias. Uma interpretação possível é considerar que tudo se passa como se, metaforicamente, ao tocar numa tecla, se toca realmente noutra, que está escondida. Por processo básico de condicionamento, um novo conteúdo aparece investido do mais antigo, de tal modo que esse desaparece do plano de visão – continua presente, mas já não precisa de estar visível, esconde-se. Dada a presença do pressuposto de amor fusional nas culturas ocidentais, as pessoas podem associar exclusividade ao amor: o que perturba mais na infidelidade é pensar que o envolvimento com outrem manifesta uma diminuição ou mesmo ausência de amor – o amor será então uma questão central da fidelidade.

A ideia do não ser amado poderá ter ainda uma segunda associação, além do sentimento de perda do parceiro, que é a perda do valor próprio. O valor que atribuímos a nós próprios depende em parte do valor que temos aos olhos dos outros, neste caso o parceiro. O sentimento de ser trocado, passado para segundo plano na hierarquia de valores do parceiro, pode acarretar uma diminuição do nosso valor próprio. A questão que se coloca, e ainda tendo como pano de fundo o ideal de amor fusional, é que se supõe que o parceiro assuma o lugar principal na hierarquia de valores (relacionais ou individuais), ou, por outras palavras, o ente amado é aquilo que de mais importante existe no mundo. Partindo deste pressuposto como base de acordo relacional, algo ou alguém que se sobreponha à relação, será entendido como ameaça. No entanto, diariamente somos solicitados por outras realidades, levando-nos a situações dilemáticas. Esses outros interesses não implicam necessariamente uma outra relação amorosa: pode tratar-se de relações de amizade (por exemplo, revelando confidências ou mesmo difamando o parceiro para entrar em consonância com um amigo), um aumento de

poder social (por exemplo, numa aliança com um inimigo do parceiro), etc. Uma das saídas possíveis, será dar resposta aos dois valores em causa, mas ocultando-o da relação. A traição diz respeito a uma violação secreta do acordo relacional, sobrepondo outros interesses à relação, sendo que, geralmente esses outros interesses envolvem outros actores sociais e, portanto, o valor social da pessoa está a ser diminuído, sem que ela tenha conhecimento e se possa defender. É o caso de *Brutus*, o paradigma da traição.

Portanto, uma outra dimensão do valor próprio é a dimensão social – o valor próprio validado numa escala social, associado provavelmente a significados como respeito e a honra. Nesta perspectiva, desrespeito estará relacionado com a ideia do perder a face, a vergonha pública, o rebaixamento, ou seja, a perda de valor face aos olhos das outras pessoas. É de referir aqui o estudo de Afifi e colaboradores (2001), que encontrou que a forma de descoberta da infidelidade tinha um impacto significativo nas consequências relacionais (continuidade da relação e perdão): se fosse o próprio parceiro a revelar (portanto numa esfera privada, em que há poucos actores sociais envolvidos) as consequências eram significativamente menores do que se fosse uma terceira pessoa (porque aí, a infidelidade é já do domínio público). Portanto, há uma menor *face threat* no primeiro caso, concluem os autores.

Os significados que, neste estudo, as pessoas associaram à fidelidade e infidelidade nas relações amorosas, alertam para uma diversidade de dimensões eventualmente mais profundas do que aquelas que têm sido abordadas pela generalidade da investigação no domínio. O envolvimento com outras pessoas (a ausência de exclusividade) poderá ser apenas o significante, a demonstração, a exteriorização, a representação visível de algo subterrâneo, talvez mais subtil e tácito, mas mais importante. Portanto, uma metáfora.

Referências Bibliográficas

- Afifi, W. A., Falato, W. L., & Weiner, J. L. (2001). Identity concerns following a severe relational transgression: The role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(2), 291-308.
- Blow, A. J., & Harnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216
- Boekhout, B. A., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1999). Relationship infidelity: A loss perspective. *Journal of Personal and Interpersonal Loss*, 4(2), 97-123.

- Brown, E. M. (2001). *Affairs: Um guia para sobreviver às repercussões de infidelidade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Cano, A., & O'Leary, K. D. (1997). Romantic jealousy and affairs: Research and implications for couple therapy. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 23(4), 249-275.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509-524.
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 227-252.
- Gordon, K. C., & Baucom, D. H. (1999). A multitheoretical intervention for promoting recovery from extramarital affairs. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 6(4), 382-399.
- Lusterman, D. D. (1998). *Infidelity: A survival guide*. Oakland: New Harbinger Publications, Inc.
- Roscoe, B., Cavanaugh, L. E., & Kennedy, D. R. (1988). Dating infidelity: behaviors, reasons and consequences. *Adolescence*, 23(89), 35-43.
- Santos, F. (1996). *Infidelidade conjugal – classe social e género*. Tese de Mestrado em Sociologia da Família, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997a). Anticipation of marital dissolution as a consequence of spousal infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14(6), 793-808.
- Sheppard, V. J., Nelson, E. S., & Andreoli-Mathie, V. (1995). Dating relationships and infidelity: attitudes and behaviors. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 21(3), 202-212.
- Sprecher, S., Regan, P. C., & McKinney, K. (1998). Beliefs about the outcomes of extramarital sexual relationships as a function of the gender of the "cheating spouse". *Sex Roles*, 38 (3/4), 301-311.
- Thompson, A. (1983). Extramarital sex: A review of the research literature. *The Journal of Sex Research*, 19, 1-22.
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradysadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2) 265-274.